

## Segredos do Eden: No Princípio

Por Sha'ul Bentsion

### I - Introdução

O relato da criação e do Eden é um dos temas mais misteriosos e fascinantes das Escrituras. Repleto de figuras de linguagem, paralelismos, palavras com duplo sentido, esse exemplar da poesia semita pode ser fonte de ensinamentos maravilhosos, mas também pode ser fonte de doutrinas equivocadas, caso não haja cuidado em sua interpretação.

O objetivo desta série de artigos é investigar cada elemento desta narrativa, a fim de desvendar seus segredos e estabelecer uma visão mais sólida, mais centrada e objetiva do relato da criação.

Neste primeiro artigo, uma investigação detalhada sobre a primeira palavra escrita na Torah: A palavra *bereshit* ou, no português, 'no princípio'.

O texto do primeiro passuq (versículo) da Torah diz:

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ  
*bereshit bara Elohim et hashamayim weet haares*  
*No princípio criou Elohim os céus e a terra.*  
*Bereshit/Gênesis 1:1*

### II - A Idéia do Princípio

Pode parecer trivial para o leitor do século 21 a ideia de que o universo tenha tido um começo. Toda criança aprende, desde cedo, que o universo se formou através de um fenômeno conhecido como o *Big Bang* (a grande explosão), e que portanto o universo em si teve um começo.

Contudo, nem sempre isso foi assim. Até poucas décadas atrás, muitos cientistas acreditavam que o universo sempre teria existido. Quando o *Big Bang* foi proposto, muita gente desconfiou.

Em sua obra *Awesome Creation*, o rabino Yosef Bitton assim descreve a reação dos russos, quando cientistas norte-americanos propuseram a teoria:

“A opinião soviética sobre o Big Bang foi resumida pelo camarada Andrei Zhdanov: ‘Falsificadores da ciência querem reviver o conto de fadas da origem do mundo a partir do nada.’ (The Short Romance Between the Big Bang and Religion)

O que prevalecia na antiguidade era a ideia de que o universo não teria fim. Na mesma obra, Rav Bitton afirma:

“Por volta do ano 500 AeC, Heráclito de Éfeso expressou o que pensava ser a origem do universo com as seguintes palavras: ‘Este cosmos, o mesmo para tudo, não foi feito nem por deus nem por homem, mas era, é, e sempre será.’” (The End of Eternity)

A ideia de que todo o universo tenha sido criado *ex-nihilo*, embora alguns tentem atribuir também a outros povos, não era algo comum, e já serve para diferenciar o relato da Torah do folclore de outros povos.

É impressionante que a Torah apresente esse conhecimento de forma tão clara, muito antes de termos sido capazes, como espécie, de encontrar uma confirmação para isso.

### III - Um Adendo Gramatical: O Estado Construto

Poucos sabem, mas a primeira palavra da Torah é também uma das mais misteriosas. Trata-se do termo hebraico *bereshit* (בְּרֵאשִׁית).

Para que os leitores possam compreender porque essa palavra é misteriosa, será necessário um pequeno adendo sobre a gramática do hebraico. Procurarei ser o mais simples e sucinto possível, possibilitando mesmo a quem for leigo compreender bem a questão.

No hebraico, uma das formas de indicar uma relação de posse é através do chamado estado construto.

#### 1) Primeiro Exemplo

Por exemplo: Se quiséssemos dizer 'palavra', no hebraico diríamos *davar* (דָּבָר).

No hebraico, o artigo definido costuma ser representado pelo prefixo *hê* (ה), de modo que temos que 'a palavra' seria *hadavar* (הַדָּבָר).

Como a preposição 'de' no hebraico é *shel* (שֶׁל), muitos esperariam que se quiséssemos dizer 'a palavra de Adonay', diríamos *hadavar shel Adonay*. Isso seguiria a lógica de como as frases são no português.

Porém, o que encontramos nas Escrituras é *devar Adonay* (דְּבַר יְהוָה). A relação de posse é indicada por uma modificação no primeiro substantivo. Dizemos nesse caso que *devar* está no estado construto.

Observe que no estado construto, não usamos o prefixo *hê* (ה). Isso porque o prefixo já está identificado.

A tabela abaixo ilustra o que acabamos de ver:

Indefinido (palavra)	Definido (a palavra)	Construto (a palavra de...)
davar (דָּבָר)	hadavar (הַדָּבָר)	devar... (דְּבַר...)

## 2) Segundo Exemplo

Um outro exemplo muito interessante ocorre no nome do quarto livro da Torah. O livro é chamado de *Bamidbar* (בְּמִדְבָּר). Literalmente, significa 'no deserto'.

No hebraico, 'deserto' é *midbar* (מִדְבָּר).

Muitos se perguntam porque o nome do livro não é *Bemidbar*, visto que é essa a forma que aparece na Torah.

Porém, na Torah, esse palavra está na forma construta: *Bemidbar Sinay* (בְּמִדְבָּר סִינַי). Literalmente, 'no deserto do Sinai'.

A preposição *be* [בְּ] no começo de uma palavra no hebraico significa “em”. Se alguém deseja adicionar um artigo definido (isto é, dizer 'no' ou 'na'), basta mudar a vogal. Neste caso, *ba* [בַּ]

Portanto, se quisermos dizer 'no deserto', dizemos mesmo *bamidbar* (בְּמִדְבָּר).

Mas, neste caso, temos que a palavra está no estado construto, visto que é “o deserto do Sinai”. Nesse caso, a palavra perde o artigo definido (como visto no exemplo de *davar*) e temos *bemidbar Sinay* (בְּמִדְבָּר סִינַי)

A tabela abaixo ajuda a ilustrar o que acabamos de observar:

Indefinido (em um deserto)	Definido (no deserto)	Construto (o deserto do Sinai)
<i>bemidbar</i> (בְּמִדְבָּר)	<i>bemidbar</i> (בְּמִדְבָּר)	<i>bemidbar Sinay</i> (בְּמִדְבָּר סִינַי)

Observe, portanto, que um substantivo no estado construto pede uma outra palavra em seguida. Como vimos nos exemplos *davar Adonay* e *bemidbar Sinay*.

Quando um substantivo não está no estado construto, é dito que ele está no estado absoluto. O estado absoluto é a forma “normal” da palavra.

## 3) Outros Exemplos

Sempre que temos um substantivo no estado construto, ele será sucedido por um outro substantivo, que o definirá. Observe os exemplos abaixo:

Substantivo Construto	Definido por	Tradução
<i>dvar</i>	Adonay	a palavra de Adonay
<i>bemidbar</i>	Sinay	no deserto do Sinai
<i>benê</i>	Aharon	os filhos de Aarão
<i>bet</i>	Yisrael	a Casa de Israel

Como se pode perceber, um substantivo no estado construto sempre pede um outro substantivo no estado absoluto, em seguida, para definí-lo.

#### IV - O Mistério de Bereshit

Isto visto, qual a relevância dessa informação quanto ao princípio da Torah?

Observe novamente:

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים  
*bereshit bara Elohim*  
*No princípio criou Elohim (Tradução convencional)*

Repare como a tradução convencional, apesar ser quase unânime entre as traduções, é gramaticalmente impossível.

O termo hebraico 'princípio' é a palavra *reshit* (רֵאשִׁית). Ela aparece em algumas instâncias no Tanakh, tanto no estado construto quanto no absoluto.

Estado Absoluto:

וַיֵּרָא רֵאשִׁית לוֹ  
*wayar reshit lo*  
*Ele se proveu da primeira parte...*  
*Devarim/Deuteronômio 33:21*

Estado Construto:

רֵאשִׁית בְּכוּרֵי אֲדָמָתְךָ  
*reshit bikurê admatekha*  
*A primeira parte dos primeiros frutos da terra...*  
*Shemot/Êxodo 23:19*

#### V - Primeira Hipótese: Em um Princípio

Quando se diz *bereshit*, há duas hipóteses: Ou a palavra está no estado absoluto, ou está no estado construto. E aí que começa a questão intrigante.

Se estiver no estado absoluto, então *bereshit* (בְּרֵאשִׁית) significa literalmente “em um princípio” ou “em um começo”.

E assim, portanto, ficaria o texto: “Em um princípio, criou Elohim os céus e a terra.”

Se alguém desejasse uma tradução mais dinâmica, isto é, buscando traduzir o conceito ao invés de palavra por palavra, poderia até mesmo dizer “em um dos princípios”. Pois essa é a ideia que fica a partir da ausência do artigo definido, caso o substantivo esteja no estado absoluto.

Isso indicaria que esse relato da Torah não se refere à criação do universo como um todo, mas sim a um dos marcos iniciais, onde o Eterno fez algo de novo.

Assim como este universo, e este planeta, foram criados, outros já existiram anteriormente.

Essa visão aparece entre um dos sábios da antiguidade, que dizia:

“R. Abahu disse:...o Sagrado, bendito seja Ele, saiu criando mundos e os destruindo, até que criou estes.” (Bereshit Rabah - sobre Gn. 9:2)

Observe que essa visão de R. Abahu também é bastante inovadora para a época. Se já não era comum que, na antiguidade, se percebesse que o universo teve um início, era mais raro ainda o pensamento de que o universo seja cíclico, e de que os astros tenham um tempo de vida, se formem, e depois se acabem.

## VI - Construto x Absoluto

No entanto, surpreendentemente, a maioria dos exegetas supõe que *bereshit* (בְּרֵאשִׁית) seja na realidade um estado construto. Surpresa essa que Ibn ‘Ezra também exhibe em seu comentário:

“Nossos sábios disseram que o ב (bet) foi adicionado como em בְּרֵאשׁוֹנָה (barishonah), pois encontramos “no princípio eles viajaram” [Nm. 2:9]. Mas se fosse esse o sentido, o ב (bet) teria sido vocalizado com um qamas gadol. E há aqueles que dizem que bereshit é sempre construto [i.e. no princípio de...], onde o sentido é ‘no princípio da tarde, ou da noite, ou das trevas.’ Mas, eis, que eles se esquecem de ‘e ele proveu um princípio [רֵשִׁית - reshit] para si’... Mas, segundo a minha opinião, é mesmo um construto.” (Comentário de Gn. 1:1)

Mesmo admitindo a hipótese de um substantivo absoluto, Ibn ‘Ezra é da opinião de que se trata de um construto.

A questão é: Se *bereshit* é construto, isso significa que deveria ser traduzido como: “No princípio de...”

### E aí existe um problema: No princípio do quê?

Imediatamente em seguida, seria esperado ver um substantivo, que qualificaria então de que princípio se fala. No entanto, isso não acontece.

Logo em seguida temos o verbo *bara* (בָּרָא), que literalmente significa 'criou'. A expressão “No princípio de criou Elohim” soa tão estranho no português quanto seria no hebraico. Se esse é de fato um construto, é um construto bastante incomum. E a pergunta permanece.

E isso tem intrigado a diversos comentaristas ao longo dos séculos. Aqui serão apresentadas quatro das teorias mais conhecidas.

## VII - Segunda Hipótese: No Princípio do Tempo

A segunda teoria, e primeira dentre as que supõe o construto, é também a mais simples. Trata-se da opinião de Nachmanides. Embora não seja o comentarista da preferência deste autor, por ser geralmente bastante místico e se desviar muito do sentido simples das Escrituras. Porém, neste caso em particular, ele apresenta uma visão que merece ser comentada.

Para Nachmanides, o texto deveria ser lido da seguinte forma:

“No princípio do [tempo], Elohim criou os céus e a terra.” (Comentário da Torah)

Ou seja, segundo ele, o tempo seria o princípio da criação. Essa é uma hipótese bastante interessante, e tem respaldo no conhecimento que a humanidade adquiriu a partir da teoria da relatividade.

Basicamente, o tempo não é algo absoluto, mas sim algo que é sempre relativo. Sem um referencial, o tempo não existe. Logo, a primeira coisa que surge a partir da criação do universo é justamente o tempo.

O renomado físico Stephen Hawking escreve, a esse respeito:

“Uma vez que os eventos antes do Big Bang não têm consequências observáveis, pode-se simplesmente eliminá-los da teoria e dizer que o tempo começou no Big Bang. Eventos anteriores ao Big Bang simplesmente não são definidos, porque não há uma forma de medir o que aconteceu a eles... o universo, e o próprio tempo, tiveram um começo no Big Bang, aproximadamente 15 bilhões de anos atrás.”  
(The Beginning of Time)

A teoria de Nachmanides também uma consequência sobre a forma como se compreende o relato do restante da criação, que começa a partir do versículo 3, onde os dias são enumerados.

Se o tempo começa a partir do primeiro verso, isso possivelmente indicaria uma diferenciação entre o princípio no versículo 1, e a contagem do tempo a partir do versículo 5.

Ou seja, essa é uma boa leitura para a chamada teoria do *gap* narrativo. Essa teoria, uma das prediletas dos exegetas bíblicos, é a de que haja um hiato entre o relato dos versículos 1 e 2, e a narrativa que se inicia a partir do versículo 3.

## VIII - Terceira Hipótese: No Princípio da Torah

Outra teoria interessante é apresentada pelo *Midrash Rabah*. Deve-se recordar que os midrashim são essencialmente homilias, e não têm peso de verdade absoluta.

O *Midrash Rabah* diz:

“Na prática humana, quando um rei mortal constrói um palácio, ele não o constrói através de sua própria habilidade, mas pela habilidade de um arquiteto. O arquiteto, por sua vez, não o constrói por sua cabeça, mas aplica planos e diagramas para saber como arrumar as câmaras e as portinholas. Assim Elohim consultou a Torah e criou o mundo. Enquanto a Torah declara “No princípio criou Elohim”, princípio se refere à Torah, conforme o versículo: “YHWH me criou como a primeira das suas obras.” [Pv. 8:22]” (*Bereshit Rabah* - sobre Gn. 1:1)

É importante compreender o sentido do que afirma o *Midrash*. Para isso, é preciso primeiramente observar a passagem que é citada:

*“Eu, a sabedoria, habito com a prudência, e acho o conhecimento dos conselhos... Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes do começo da terra. Quando ainda não havia abismos, fui gerada, quando ainda não havia fontes carregadas de águas. Antes que os montes se houvessem assentado, antes dos outeiros, eu fui gerada. Ainda ele não tinha feito a terra, nem os campos, nem o princípio do pó do mundo. Quando ele preparava os céus, aí estava eu, quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; Quando firmava as nuvens acima, quando fortificava as fontes do abismo, quando fixava ao mar o seu termo, para que as águas não traspassassem o seu mando, quando compunha os fundamentos da terra. Então eu estava com ele, e era seu arquiteto; era cada dia as suas delícias, alegrando-me perante ele em todo o tempo.”*  
(*Mishlé/Provérbios 8:23-30*)

Neste texto, Shelomo (Salomão) faz um elogio à sabedoria, e diz que ela antecede toda criação. Naturalmente que, em sendo um texto poético, não há uma obrigatoriedade de se interpretar a descrição acima literalmente, pois se trata de uma alegoria.

Deve-se esclarecer, ainda, que o texto de Shelomo (Salomão) fala explicitamente da sabedoria e da inteligência, e não de uma espécie de demiurgo.

O demiurgo, na filosofia grega de Platão, era um conceito de uma espécie de divindade intermediária, através da qual o Criador teria realizado a criação. Em outras palavras, trata-se de um conceito politeísta, idólatra e pagão. E que infelizmente foi adotado pela maior religião do planeta em seus escritos sagrados.

Em outras palavras, a personificação da sabedoria é simplesmente um antropomorfismo, tal como em outras ocasiões há personificações de elementos da natureza, tais como os céus, o sol, a lua etc. Esse recurso é comum na literatura semita, e não deve ser entendido como uma transformação de tais coisas em entidades sobrenaturais.

A sabedoria, para Shelomo (Salomão), é uma alusão às leis naturais. A lógica é simples: Tudo aquilo que existe no universo, seja matéria ou energia, obedece a um conjunto de leis. Que conhecemos hoje como leis da física.

Não é possível existir matéria sem tais leis. Abaixo, um exemplo simples:

A matéria é composta de átomos, que por sua vez tem subpartículas que têm carga (prótons e elétrons). As cargas de tais partículas é que regem a maneira como as moléculas se formam, e por sua vez são as moléculas que constituem matérias distintas.



Para que exista água (H<sub>2</sub>O), é preciso que existam dois átomos de hidrogênio, e um de oxigênio, que se ligam por causa das leis que governam a atração das cargas elétricas.

Se essas leis formam a matéria, elas precisam necessariamente anteceder à matéria. Pode-se talvez supor ainda que o Eterno tenha criado tais leis, e essas, naturalmente, tenham dado origem à matéria. Ou pode ser que o Eterno tenha estabelecido as leis, e por sua vez criado em seguida a matéria diretamente.

Fato é que essas leis naturais se referem ao design inteligente que o Eterno concebeu para o universo. Design esse que é cada vez mais observável na criação, como fruto de uma inteligência, que criou na matéria verdadeiras máquinas moleculares que seguem padrões extremamente complexos.

Mesmo dentro das limitações de sua época, Shelomo (Salomão) foi capaz de enxergar que a criação obedece leis, e que essas leis que a governam certamente foram estabelecidas antes da criação ser fundada, e servem como um arquiteto para a obra da criação.

É exatamente esse o conceito repetido no *Midrash Rabah*. Com a diferença de que no *Midrash Rabah*, essa sabedoria é chamada de Torah.

Evidentemente, o *Midrash Rabah* não se refere à Torah no sentido do conjunto de leis que foram entregues a Moshe (Moisés) no Sinai. Embora seja comum que no meio místico haja uma crença de que a Torah de Moshe (Moisés) contenha em si todas as verdades do universo, o autor deste material considera tal visão ingênua e perigosa - afinal, somente o Criador é Onisciente. E a Torah, como criação dEle, também pode ser objeto de idolatria se alguém não for devidamente cuidadoso.

Na realidade, o *Midrash Rabah* se refere à Torah no sentido mais amplo: Na expressão da vontade do Criador em forma de leis para a criação. Deve-se recordar que o termo 'Torah' (תּוֹרָה) significa literalmente 'Instrução'.

Neste caso, o *Midrash Rabah* afirma que primeiro o Eterno criou as instruções da criação para seu bom funcionamento (Torah), e depois estabeleceu a partir disso a criação.

Não é diferente da visão de Shelomo (Salomão) exceto pelo fato de que aquilo que esse último chama de 'sabedoria', o *Midrash Rabah* chama de 'Torah'.

Porém, é discutível se Shelomo (Salomão) tinha em mente apenas fazer um elogio à sabedoria, ou se de fato também ele considerava que o substantivo que define o construto *bereshit* seja, de fato, a sabedoria. Já o *Midrash Rabah* é bem explícito em sua concepção.

Em suma, para o *Midrash Rabah*, o texto deve ser lido: "No princípio da [Instrução], criou Elohim os céus e a terra."



## IX - Quarta Hipótese: No Princípio da Criação

Outra interpretação que merece ser avaliada é a de Rashi, um dos exegetas da Torah mais conhecidos:

“Este verso... nos ensina que a sequência da Criação, tal qual escrita, é impossível... Se desejar explicá-la segundo o seu sentido simples, explique-a assim: ‘No princípio da criação dos céus e da terra, a terra era surpreendentemente vazia e escura... E Elohim disse: ‘Haja luz.’ Mas a Escritura não ensina a sequência da Criação, para dizer que essa veio primeiro, pois se viesse a dizer isso, teria que ter escrito *בְּרֵאשִׁית* (barishonah) Ele criou os céus e a terra’, pois não existe *רֵאשִׁית* (reshit) nas Escrituras que não esteja conectado à próxima palavra.” (Comentário de Gn. 1:1)

Rashi faz uma proposta bastante interessante, e que é talvez hoje a segunda forma mais popular de se ler esse versículo.

Para Rashi, é como se a expressão inteira *‘bara Elohim et hashamayim weet haares’*, tivesse a função gramatical do substantivo que define o termo *bereshit*.

É como se essa expressão estivesse no lugar do termo ‘criação’. Ao invés de dizer: “No princípio da criação dos céus e da terra”, usou-se ‘criou Elohim’ no lugar da palavra ‘criação’.

A proposta de Rashi seria muito difícil de ser traduzida para o português ao pé da letra, palavra por palavra.

Porém, a ideia seria mais ou menos a que se segue:

“No princípio do [ato de] Elohim [de] criar os céus e da terra”

Como dito, é uma expressão um tanto complexa de transpor para o português. Porém, creio que seja possível ao leitor ter uma ideia.

Essa é leitura é também compartilhada pelas duas melhores traduções da *Torah* para o inglês, a *Young’s Literal Translation*, e a *Schoken Bible* - que divergem apenas na forma como aplicam a tradução, mas concordam na ideia. A diferença pode ser atribuída simplesmente à dificuldade de traduzir tal texto:

*“In the beginning of God’s preparing the heavens and the earth” (YLT)*  
*No princípio do preparo de Elohim dos céus e da terra.*

*“At the beginning of God’s creating of the heavens and the earth” (Schoken)*  
*No princípio da criação de Elohim dos céus e da terra.*

Notas sobre o inglês:

- O gerúndio (*-ing*) no inglês não tem exatamente a mesma função gramatical do gerúndio no português, por isso o autor deste material não traduz como *preparando* ou *criando*, visto que dariam ideias equivocadas.
- Há uma diferença entre *in* e *at*, que traz uma variação semântica entre as duas traduções. Embora sejam quase sinônimos, *in* indica algo dentro de um intervalo, ao

passo que *at* indica uma referência pontual. Ou seja, a Schoken Bible vê o texto como uma referência de momento, mais do que como uma ação.

A *Schoken Bible* também traz uma leitura alternativa interessante, ao traduzir *bara* como um ato de *preparar*, ao invés de um ato de criar. Os possíveis sentidos de *bara* serão vistos num mais adiante.

Observe ainda que Rashi discorda de Ibn 'Ezra, e afirma que *reshit* seja sempre construto. Nesse ponto, Rashi se equivoca, pois Dt. 33:21 traz a palavra na forma absoluta, conforme o próprio Ibn 'Ezra demonstra.

O erro de Rashi pode ser atribuído ao fato de que a grande maioria das vezes que *reshit* aparece realmente estão no construto. Mas, na opinião do autor deste material, isso se deve simplesmente por uma questão semântica. Geralmente, quando se fala de princípio, costuma-se referir ao princípio de alguma coisa. Ou seja, não é estranho o fato da expressão *reshit* no absoluto ser mais rara.

Essa maior abundância de *reshit* no estado construto provavelmente é uma das principais razões para que a maioria dos exegetas prefira considerar que *bereshit* seja um construto ao invés de um absoluto.

### X - Quinta Hipótese: No Princípio Absoluto

A quarta leitura de um construto, quinta no total, que merece investigação é a do rabino Yosef Bitton, na mesma obra citada anteriormente ("Awesome Creation"). Ele afirma:

"E se o estado construto e o termo absoluto fossem, na realidade, a mesma palavra? Semelhantemente, a palavra *bereshit*, 'No princípio de...' estaria refletindo de volta para si própria como um superlativo. Então se leria *bereshit* como 'No princípio dos princípios.' Em outras palavras, 'No mais absoluto princípio.'" (A Reflexive Construct State?)

O que Bitton propõe é que, na realidade, a ideia original era de que a Torah desejasse dizer "*Bereshit reshit*". Para não repetir a palavra *reshit*, a Torah teria trazido apenas *bereshit*.

Nesse caso, *bereshit* faria a função tanto do construto quanto do absoluto que o modifica.

Dessa forma, a Torah estaria se referindo ao princípio absoluto.

O interessante dessa leitura, se estiver correta, é que ela imediatamente nos remete a imaginar que há outros princípios. Ou, pelo menos, outro princípio.

A exemplo da leitura de Nachmanides, é difícil não pensar, dessa forma, em um *gap* narrativo. Isto é, Gn. 1:1-2 poderia ser uma alusão ao princípio absoluto, do universo.

Ao passo que Gn. 1:3 em diante poderia ser uma referência ao princípio desta era da terra.

## XI - Conclusão

O que se pode concluir de um texto tão misterioso. Quando uma só palavra já abre todo um leque interpretativo que pode impactar radicalmente todo o nosso entendimento sobre os eventos da criação?

E, mais importante do que isso, por que a Torah teria utilizado um termo tão enigmático?

O autor deste material acredita que exista uma excelente razão para isso, e concorda com a tese de Rashi: "a sequência da Criação, tal qual escrita, é impossível"

O Eterno nada faz por acaso. Tudo aquilo que Ele deseja revelar claramente é dito de forma explícita. Aquilo que é misterioso tem uma razão.

Para este autor, o objetivo é exatamente este: Esclarecer que não compete ao homem tentar extrair desse relato uma sequência cronológica. O objetivo do relato é esclarecer quem fez, e não fornecer detalhes sobre como foi feito.

Para o pensamento judaico, é um grande erro supor que a Torah trará todos os detalhes acerca do princípio dos tempos, pois para isso seria necessário um entendimento muito além dos limites humanos.

Sobre esse tema, o rabino José Faur chega a comentar:

"Presumir que a razão humana possa partilhar da razão divina é a expressão suprema da arrogância... Para o etos [caráter] hebreu, não há maior afronta do que fingir que se conhece a mente do Eterno" (*Homo Mysticus*, pgs. 121 e 124)

O que se pode ter certeza é que, para uma boa parte dos exegetas judeus, o relato de *Bereshit* não contém um registro de todo o processo da criação. Nisso, o pensamento judeu diverge muito do antigo pensamento cristão, que ainda é encontrado entre os cristãos fundamentalistas.

Foram apresentadas cinco possibilidades interpretativas. Evidentemente que há uma que faz mais sentido para o autor deste artigo. Porém, propositadamente o autor se absterá de dizer qual, a fim de não influenciar o leitor em sua conclusão.

O autor se limitará a dizer que a análise aprofundada dessa passagem não deixa, na visão do autor, nenhuma dúvida de que o relato da criação traz um hiato entre a criação do universo, e o estabelecimento da terra em si.